



*Letramentos digitais e formação humana: memórias e experiências formativas
na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*

**Letramentos digitais e formação humana: memórias e experiências
formativas na Educação de Jovens e Adultos (EJA)**

**Digital literacies and human formation: memories and formative
experiences in Youth and Adult Education (YAE)**

Everton Henrique Eleutério Fargoni¹
Universidade Federal de São Carlos.
<http://lattes.cnpq.br/6279752130688091>

Mayna Zacarias²
Universidade Federal de São Carlos
<http://lattes.cnpq.br/6174681648256545>

Elana Simone Schiavo Caramano³
Universidade Federal de São Carlos
<http://lattes.cnpq.br/0321617140122990>

¹Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCar). Professor-pesquisador do GEPEFH/UFSCar, com atuação em políticas educacionais, financiamento e produção do conhecimento. Integra a rede Universitas/BR e possui experiência em pesquisa financiada pela FAPESP.

²Doutoranda e Mestra em Educação pela UFSCar. Professora pesquisadora na área de Educação, com foco em letramento digital na EJA. Integra o GEPEJA/UFSCar e a rede Universitas/BR.

³Doutoranda em Educação pela UFSCar e Mestra pela UNESP (Bauru). Professora da rede estadual de São Paulo, com atuação em Língua Portuguesa e Inglesa. Integra grupos de pesquisa na UFSCar (GEPEJA) e na UNESP (GEPEP).



Everton Henrique Eleutério Fargoni, Mayna Zacarias & Elana Simone Schiavo

Caramano

Letramentos digitais e formação humana: memórias e experiências formativas na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Resumo: O artigo analisa práticas pedagógicas desenvolvidas entre 2018 e 2023 em três escolas públicas de Educação de Jovens e Adultos situadas na região central do estado de São Paulo, envolvendo a apropriação de computadores como parte do processo de letramento digital. As atividades ocorreram em diferentes contextos institucionais, incluindo estágio supervisionado entre 2018 e 2019, atuação docente regular entre 2020 e 2022 e acompanhamento investigativo no período pós-retorno presencial, entre 2022 e 2023. O trabalho, orientado pela perspectiva da pesquisa-ação, acompanhou atividades de criação de *e-mails*, produção de textos, navegação em ambientes digitais e leitura de materiais multimodais. As análises indicam que a incorporação do computador, quando articulada às experiências dos estudantes, amplia formas de leitura e escrita, fortalece a autonomia e possibilita enfrentar desigualdades que historicamente limitaram o acesso à cultura escrita. O estudo evidencia que práticas fundamentadas em multiletramentos contribuem para interpretações críticas de conteúdos digitais, fortalecendo processos formativos e ampliando possibilidades de participação social. Os resultados oferecem subsídios para reflexões sobre ensino de línguas e práticas de linguagem em contextos de vulnerabilidade educacional.

Palavras-chave: EJA; Letramento digital; Multiletramentos; Práticas Pedagógicas.

Digital literacies and human formation: memories and formative experiences in Youth and Adult Education (YAE)

Abstract: The article analyzes pedagogical practices developed between 2018 and 2023 in three public schools for Youth and Adult Education located in the central region of the state of São Paulo, involving the appropriation of computers as part of the digital literacy process. The activities took place in different institutional contexts, including supervised internships between 2018 and 2019, regular teaching between 2020 and 2022, and investigative monitoring in the post-return period, between 2022 and 2023. The work, guided by the action research perspective, monitored activities such as creating emails, writing texts, navigating digital environments, and reading multimodal materials. The analyses indicate that the incorporation of computers, when linked to students' experiences, expands forms of reading and writing, strengthens autonomy, and makes it possible to address inequalities that have historically limited access to written culture. The study shows that practices based on multiliteracy contribute to critical interpretations of digital content, strengthening educational processes and expanding possibilities for social participation. The results provide insights for reflections on language teaching and language practices in contexts of educational vulnerability.

Keywords: Computer; EJA (YAE); Digital literacy; Multiliteracies; Teaching Practices.

1. Introdução

A incorporação de tecnologias digitais, abrangendo computadores e telefones celulares, nas práticas de linguagem da Educação de Jovens e Adultos (EJA) manifesta a



*Letramentos digitais e formação humana: memórias e experiências formativas
na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*

premência de apreender o modo como sujeitos históricos constituem significados em um cenário marcado por exigências de leitura em telas, imagens híbridas e textos que circulam em múltiplos suportes. O objetivo principal desta investigação reside no exame de experiências pedagógicas desenvolvidas entre 2018 e 2023 em três instituições públicas de São Carlos, no estado de São Paulo. A etapa inicial vinculou-se aos estágios supervisionados realizados entre 2018 e 2019, ao passo que as fases subsequentes decorreram da atuação docente e da pesquisa acadêmica realizadas entre 2020 e 2023. Nesses encontros noturnos, produzem-se condições para que os discentes redefinam sua relação com a cultura escrita e ampliem seus vínculos com a realidade digital.

Esta aproximação recusa a redução ao manejo técnico das máquinas, pois convoca processos de interpretação que articulam a palavra, a imagem, o som e a organização visual das páginas, constituindo possibilidades de leitura que dialogam com a perspectiva dos multiletramentos. Visto que grande parte dos estudantes experimentou interrupções prolongadas em sua escolarização, urge compreender as práticas com dispositivos digitais como vias de fortalecimento da participação social, aptas a instituir formas reconstituídas de presença na vida pública.

A compreensão do letramento digital vinculado à EJA se torna mais clara quando dialogamos com a visão dos letramentos como práticas sociais defendida por Street (2014), cuja análise destaca que toda leitura nasce de relações culturais e sociais que estruturam modos de interpretação. Rojo e Moura (2012) contribuem ao afirmar que os multiletramentos dependem da articulação entre linguagens diversas que circulam em ambientes digitais, exigindo atenção à combinação entre palavras, imagens e elementos visuais que estruturam telas e páginas. Quando essas reflexões são aproximadas das experiências observadas em sala de aula, torna-se possível identificar estratégias próprias de navegação e construção de sentidos que estudantes adultos desenvolvem ao interagir com computadores, revelando movimentos interpretativos que nascem do diálogo entre trajetórias pessoais e mediação pedagógica.

A observação das práticas realizadas em sala de aula noturna mostra que estudantes da EJA enfrentavam desafios iniciais ao se aproximarem dos computadores,



Everton Henrique Eleutério Fargoni, Mayna Zacarias & Elana Simone Schiavo

Caramano

como compreender a disposição de elementos visuais, navegar entre janelas ou identificar caminhos necessários para avançar em páginas extensas. Tais dificuldades não devem ser compreendidas como limitações individuais, mas como expressão de desigualdades que produzem condições desiguais de acesso ao conhecimento e limitam trajetórias de aprendizado.

As atividades elaboradas para esta investigação buscaram criar situações de exploração gradual do computador, proporcionando movimentos de aproximação que revelam modos singulares de interpretação digital. Ao acompanhar tais processos, é possível observar deslocamentos que se manifestam quando estudantes desenvolvem confiança e ampliam sua relação com linguagens digitais que circulam de maneira crescente nos espaços da vida contemporânea.

Para expressar esse trabalho no artigo, fundamentamo-nos em abordagem qualitativa inspirada em elementos da pesquisa-ação, desenvolvida ao longo de cinco anos de acompanhamento intermitente das turmas, entre 2018 e 2023. Durante esse período, foram realizados ciclos de intervenção com duração média de um semestre letivo cada, envolvendo encontros semanais de duas horas em turmas noturnas da EJA. As experiências consistiram na leitura de páginas eletrônicas, no preenchimento de formulários digitais, criação e envio de correios eletrônicos (*e-mails*) e exploração de textos multimodais que exigiam atenção à composição visual e verbal.

A opção por investigar situações concretas provém da necessidade de apreender como sujeitos adultos produzem significados perante as interfaces e reconstituem vínculos com a linguagem digital, visto que esse fenômeno escapa a observações alheias ao fazer pedagógico. Esta aproximação permite examinar com exatidão como a mediação docente favorece interpretações que reúnem experiência, reflexão e construção coletiva. Por isso, o objetivo principal deste artigo consiste em analisar de que maneira práticas de letramento digital, mediadas por computadores, telefones celulares e demais meios eletrônicos, expandem repertórios de leitura e escrita, ao passo que consolidam a presença do estudante no espaço digital e fornecem subsídios para a formação do professor no campo da Linguística Aplicada Crítica.



*Letramentos digitais e formação humana: memórias e experiências formativas
na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*

Para a plena consecução desta finalidade, definem-se como objetivos específicos a investigação do percurso discente entre o uso intuitivo de ferramentas móveis e a apropriação técnica de computadores, a verificação do desenvolvimento da autonomia em atividades orientadas e a demonstração de como a mediação tecnológica, articulada às vivências dos estudantes, permite enfrentar desigualdades que historicamente limitaram o acesso à cultura escrita. A articulação entre linguagem e navegação proporciona condições para compreender como adultos elaboram interpretações amplas diante de textos que circulam no cotidiano. A realidade da terceira década do século XXI revela que o letramento digital constitui elemento indispensável para a presença na vida social, uma vez que o acesso a direitos depende da apropriação dessas linguagens.

Torna-se imperativo produzir práticas de leitura que integrem multiletramentos e sensibilidade pedagógica, permitindo que estudantes da EJA estabeleçam novos vínculos com o conhecimento e fortaleçam relações entre linguagem e vida pública. As experiências analisadas demonstram que o planejamento pedagógico viabiliza aproximações sucessivas com as tecnologias, oferecendo contribuições ao debate sobre ensino de línguas e mantendo abertura para novos percursos de pesquisa. Ao apresentar estas reflexões, este trabalho busca contribuir para discussões que valorizam pedagogias atentas às trajetórias dos sujeitos e às exigências contemporâneas da existência digital, reafirmando o compromisso com uma formação humana que não se reduz ao domínio técnico.

Do ponto de vista metodológico, convém destacar que a composição das práticas descritas não se organiza em sequência cronológica, uma vez que resulta de experiências realizadas em momentos distintos, em escolas diferentes e em contextos que incluíram estágio supervisionado, pesquisa acadêmica e atuação docente efetiva. Parte das atividades descritas foi realizada entre 2018 e 2019, em período anterior à suspensão das aulas presenciais decretada em março de 2020. Outras intervenções ocorreram entre 2022 e 2023, após o retorno gradual das atividades presenciais nas escolas estaduais e municipais da região, quando as turmas noturnas buscavam reorganizar vínculos pedagógicos interrompidos por aproximadamente dois anos de restrições sanitárias. Em turmas mais experientes, certas atividades se expandiram



Everton Henrique Eleutério Fargoni, Mayna Zacarias & Elana Simone Schiavo

Caramano

rapidamente, enquanto em grupos recém-chegados o processo se desenrolou com outra cadência, revelando que cada experiência trouxe fragmentos singulares de aprendizagem, encontro e reinvenção do trabalho pedagógico.

2. Letramento digital, multiletramentos e práticas sociais de linguagem com computadores

O letramento digital não pode ser compreendido apenas como domínio técnico de ferramentas, mas como prática social que reorganiza relações entre linguagem, poder e presença no mundo. Lankshear e Knobel (2011) defendem que o digital introduz modos de significação que remodelam a experiência do sujeito, exigindo novas sensibilidades interpretativas e atenção a dinâmicas sociais que atravessam a leitura em ambientes eletrônicos. Freire (2005) afirma que a leitura da palavra exige leitura do mundo, e esse mundo, no Século XXI, se apresenta mediado por aplicações que desafiam o estudante a transitar entre janelas, ícones e processos de autenticação que estruturam a participação social contemporânea.

Bawden (2008) destaca que o letramento digital implica reconhecer, buscar, avaliar e produzir informações em redes que se renovam continuamente, o que exige postura reflexiva diante da abundância de dados. Essa compreensão ganha força na EJA, onde estudantes muitas vezes ingressam pela primeira vez em ambientes digitais estruturados, criando caminhos de leitura que atravessam memórias, receios e expectativas de transformação.

A noção de multiletramentos, formulada por Cope e Kalantzis (2000) e retomada em diferentes contextos, amplia o entendimento da linguagem ao incluir múltiplos modos de representação que se entrelaçam em textos digitais. A presença de imagens, sons e composições gráficas altera a relação entre o leitor e a página, requerendo atenção à organização visual que estrutura os sentidos. Rojo e Moura (2012) observam que a leitura contemporânea envolve articulação entre diferentes camadas de significação e exige postura interpretativa mais complexa. Quando estudantes da EJA se aproximam do computador, essa complexidade se intensifica, pois a leitura digital não



*Letramentos digitais e formação humana: memórias e experiências formativas
na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*

apenas convoca habilidades novas, mas também desestabiliza antigas percepções sobre o que significa interpretar um texto.

Nossas intervenções pedagógicas buscaram articular esses referenciais em práticas concretas. Ao convidar estudantes da EJA a criarem seu primeiro endereço eletrônico, vivenciamos momentos que ultrapassam dimensões instrumentais e alcançam camadas emocionais ligadas à sensação de pertencimento. Muitos participantes, sobretudo aqueles acima dos quarenta anos, verbalizaram receios relacionados ao preenchimento de dados e à escolha de senhas, revelando como a distância histórica em relação às tecnologias digitais se manifesta no corpo, na fala e na atitude hesitante diante do teclado. A docência, nesse episódio, se faz mediação que aproxima tempos desiguais e cria condições para que cada estudante descubra ritmos próprios de navegação, exercitando autonomia na criação e envio das primeiras mensagens eletrônicas.

O ato de enviar um *e-mail*, embora simples para usuários experientes, assume na EJA o caráter de rito de passagem. Lankshear e Knobel (2011) afirmam que práticas digitais se constituem como eventos culturais que reconfiguram modos de participação. Quando estudantes redigem uma saudação, anexam um arquivo ou escolhem destinatários, reorganizam percepções sobre si mesmos e sobre o modo como habitam o espaço digital. A mediação docente torna-se indispensável para sustentar esse processo, pois permite acolher dúvidas que emergem entre o desejo de aprender e o receio de errar. Essa postura dialoga com Freire (2005), que afirma:

Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-la e desconhecer que, mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele (Freire, 2005, p. 9).

Em diversos momentos, observamos que a compreensão do funcionamento do e-mail produzia sensação de conquista simbólica, associada a reconhecimento tardio de direitos informacionais antes inacessíveis. A participação de estudantes idosos trouxe elementos adicionais para a reflexão. Muitos afirmaram nunca ter digitado uma mensagem completa nem navegado por interfaces que exigiam registro de dados.



Everton Henrique Eleutério Fargoni, Mayna Zacarias & Elana Simone Schiavo

Caramano

A hesitação inicial expressava tanto desconhecimento técnico quanto experiências de exclusão que marcaram seus percursos. Freire (2011) lembra que aprender supõe lidar com limites e descobrir possibilidades, o que se manifesta de modo evidente quando um estudante abre, lê e responde um *e-mail* pela primeira vez. O computador atua como parte da mediação docente entre memória e presente, entre receio e descoberta, entre silêncio e expressão, permitindo que a prática pedagógica se torne território de reconstrução da autonomia.

Fraser (2022) interpreta a contemporaneidade como marcada por formas de organização econômica que desgastam ritmos de vida, desorganizam vínculos comunitários e acentuam desigualdades. Quando observamos estudantes da EJA adentrando espaços digitais, percebemos os efeitos desse cenário, pois muitos se sentem deslocados diante da velocidade informacional que estrutura serviços públicos, plataformas de comunicação e relações de trabalho. As práticas de letramento digital que desenvolvemos buscam oferecer contraponto a essa sensação de descompasso, permitindo que sujeitos reencontrem sua própria cadência dentro do ambiente digital.

A articulação entre multiletramentos, práticas digitais e mediação docente revela que a EJA constitui espaço singular de formação, onde cada estudante percorre caminhos distintos para se reinscrever na linguagem contemporânea. Ao criar contas de *e-mail*, preencher dados, explorar páginas e enviar mensagens, os estudantes da EJA vivenciam experiências que se constituíram como formas de leitura ampliada do social.

Também no computador, a leitura crítica de notícias digitais, quando tomada como prática enraizada em experiências concretas, revela fissuras que ultrapassam a materialidade da tela e evidenciam o modo como discursos se espalham para constituir realidades provisórias. Freire (2005) antecipou essa relação ao sugerir que toda leitura é sempre uma leitura de alguém sobre algo em um mundo atravessado por interesses que disputam sentidos. Ao propor que estudantes da EJA ingressem em portais de notícias, não buscamos apenas fazê-los reconhecer procedimentos de verificação, mas permitir que percebam como enunciações fabricam versões do real que se insinuam como verdade.



*Letramentos digitais e formação humana: memórias e experiências formativas
na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*

A análise de notícias digitais torna-se, então, exercício que convoca percepção minuciosa da linguagem, pois cabe ao leitor desconfiar de textos que pretendem naturalizar interpretações. Rojo e Moura (2012) lembram que o leitor contemporâneo precisa circular entre materiais que combinam elementos verbais e visuais, exigindo atenção para marcas que insinuam parcialidade. Em nossas intervenções, a leitura crítica não se concentra em técnicas de checagem, mas na formação de sensibilidade para aquilo que se oculta no ritmo acelerado do noticiário, permitindo que os estudantes percebam contradições, silenciamentos e composições discursivas que configuram processos de subjetivação. É nesse entremeio que se projeta uma forma de autoria, pois interpretar torna-se ato que desestabiliza enunciados que se pretendem neutros.

Ao convidar estudantes a reescrever notícias, não oferecemos apenas exercício de escrita, mas provocação epistemológica que desloca a leitura para posição de autoria. A elaboração de um texto próprio, mesmo curto e lento, evidencia que interpretar é sempre reconstruir o mundo, mesmo quando o repertório teórico ainda se forma em meio a lacunas históricas de acesso.

Freire (2011) indica que a palavra escrita se consolida quando o sujeito atravessa a experiência de nomear aquilo que antes o nomeava. No contexto da EJA, esse ato ganha profundidade particular, pois a inserção tardia no universo digital não impede que saberes construídos na vida cotidiana sustentem análises perspicazes, conferindo aos estudantes a possibilidade de reconhecer que a notícia não é espelho, mas construção que pode ser interrogada e reelaborada.

3. A atuação docente e a formação crítica na mediação tecnológica

Na sala noturna da EJA, o trabalho docente não se reduz ao manejo de plataformas. Ele se constitui em condições concretas de encontro entre sujeitos que chegam marcados por jornadas extensas de trabalho e que encontram na palavra compartilhada a chance de reinventar suas possibilidades históricas de ação e inserção social. Carneiro (2005) sugere que toda ação pedagógica envolve disputa por dignidade, e é exatamente nesse registro que o computador aparece, não como ferramenta, mas



Everton Henrique Eleutério Fargoni, Mayna Zacarias & Elana Simone Schiavo

Caramano

como acontecimento. Ao acionar uma máquina que historicamente foi negada a tantos, o estudante toca, ainda que sem anunciar, a possibilidade de reescrever a própria história diante de um mundo que parece sempre escapar.

Em uma das práticas orientadas, propusemos que cada estudante localizasse textos sobre seu próprio bairro usando mecanismos de busca. A intenção não era ensinar comandos, mas produzir estranhamento ao perceber que a narrativa urbana quase nunca os inclui. Santos (2002) afirma que o espaço é sempre projeto político, e a simples procura por notícias revelou cartografias de ausência. O professor, diante dessa descoberta, não explica, mas acompanha a perplexidade que irrompe quando se reconhece a própria invisibilidade.

Em outra atividade, pedimos que escrevessem pequenas crônicas digitais sobre trajetões vividos entre trabalho e escola, para posterior publicação em um *blog* coletivo. A ideia dialoga com Brandão (2007), que compreende a escrita como ato de insurgência cotidiana. O professor não corrige como fiscal, mas aponta reverberações possíveis entre texto e experiência, fazendo com que cada estudante recupere a potência de nomear o ordinário como um lócus de sentido capaz de ressignificar a própria existência.

Vale ressaltar que, ao longo das atividades e memórias, a atuação docente atravessou três escolas noturnas que carregavam marcas arquitetônicas e simbólicas profundamente distintas, conferindo múltiplos contornos às práticas desenvolvidas. Uma delas existia em salas cedidas por uma igreja católica, onde carteiras diminutas concebidas para crianças recebiam, à noite, adultos exaustos que buscavam reorganizar suas trajetórias educacionais.

A inadequação ergonômica evidenciava que o espaço escolar noturno permanece pensado para a infância, revelando materialmente a marginalização histórica da EJA como política compensatória. Já as outras duas escolas, mais novas e estruturalmente melhores, acolhiam estudantes com percursos igualmente marcados pelo trabalho, pela falta de tempo e pela diversidade de ritmos de alfabetização, formando um mosaico de experiências que exigia sensibilidade para compreender que cada noite de aula se organizava como encontro singular entre cansaço e desejo.



*Letramentos digitais e formação humana: memórias e experiências formativas
na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*

Nesse conjunto de ambientes tão distintos, o letramento digital tornou-se possibilidade concreta de articular a experiência cotidiana ao universo escrito que estrutura práticas contemporâneas. Muitos estudantes manipulavam celulares com destreza, embora reduzidos a ações que dispensavam leitura, como o envio de áudios que substituíam enunciações que ainda não dominavam por escrito. Ao inserir o computador como campo de aprendizagem, abriu-se espaço para deslocamento dessa relação limitada com o digital e convidar cada participante a experimentar a escrita como forma de inscrição no mundo. Esse movimento entre o uso intuitivo de aplicativos e a construção de leitura consciente permitiu que cada estudante percebesse que a linguagem digital não é barreira intransponível, mas espaço que pode ser habitado com outra profundidade quando se reconhece sua potência formativa.

A atuação docente, nesses cenários, exige coragem epistemológica. Santos (2021) afirma que o conhecimento nasce da colisão entre mundos que se recusam a caber em molduras únicas. O docente não pode somente executar protocolos; ele se expõe ao conflito entre o vivido e o inédito, entre a precariedade cotidiana e a força latente de quem insiste em aprender depois de longas jornadas de trabalho. Na atividade de escrita de *e-mails* coletivos, por exemplo, deixamos que cada grupo redigisse uma mensagem aberta sobre algum evento significativo da semana. O objetivo não consistia em ensinar formato, mas de escutar o que se manifestava nas entrelinhas da escrita, onde apareciam confidências, exaustões e lampejos de alegria.

Habitar o digital exige sensibilidade atenta porque os teclados surgem como extensões de trajetórias marcadas por ausências, não por falhas pessoais. Quando o professor testemunha mãos trêmulas diante da tela, ele não observa inaptidão, mas vestígios de marginalizações que persistem nas fissuras sociais. Como afirma Sodré, “a civilização média exige cronogramas, ritmos, dados sensíveis aos fluxos da modernização” (Sodré, 2019, p. 45), o que realça que reconhecer o temor ao digitar exige acolher a memória coletiva de exclusão. Essa consciência desloca o ensino do campo técnico e o insere no registro ético-político da linguagem, onde cada caractere digitado representa forma de recomposição de pertencimento social.



Everton Henrique Eleutério Fargoni, Mayna Zacarias & Elana Simone Schiavo

Caramano

No mesmo contexto, a formação crítica pressupõe desmontar discursos naturalizados que se insinuam como neutros e imutáveis. Em uma atividade em que projetamos manchetes e textos jornalísticos no quadro da sala, evidenciamos como os enunciados se sustentam em omissões e estruturas de poder.

Chauí alerta que “o senso comum é sistema de dominação que petrifica o real em mito” (Chauí, 2014, p. 112), lembrando que a neutralidade do discurso raramente é inocente. Ao promover a leitura coletiva desses textos, revelamos que a notícia não é espelho, mas construção situada, e que a linguagem digital pode ser ocupada como espaço de resistência também, não como imitação da ordem vigente.

Nos primeiros encontros com o teclado, tornou-se evidente que digitar não é ação neutra, mas parte da aprendizagem que convoca corpo, memória e expectativa. O olhar se demorava sobre cada letra, evidenciando os efeitos acumulados de interrupções prolongadas na escolarização. A mão seguia hesitante, e *mouse* parecia recusar o comando de quem jamais fora convidado a manipular essa “engenhoca luminosa” como dito por uma das alunas. As primeiras tentativas de digitação revelavam que tocar o teclado é atravessar décadas de negação acumulada. O estudante não encara apenas a letra, mas o que ela exige de si, como se cada caractere cobrasse um passado que não lhe permitiu exercitar a escrita no tempo certo.

O deslocamento do ponteiro do *mouse* não constitui ato simples quando a mão carrega a experiência de contextos nos quais a tecnologia esteve ausente. A primeira palavra digitada na tela produzia alteração perceptível na forma como o estudante se compreendia, não como expressão de leveza, mas como afirmação discreta de pertencimento. Nesse momento, tornava-se possível reconhecer que a presença no espaço digital podia ser construída, mesmo após prolongado período de afastamento imposto por condições históricas de exclusão.

O olhar detido ante a unidade gráfica parecia confrontar uma lacuna temporal extensa, como se cada letra exigisse a recomposição de uma trajetória cindida. A enunciação manifestava-se unicamente quando a contradição interior arrefecia o suficiente para permitir a escrita, revelando o que Brandão (2007) denomina como assunção do sujeito perante a realidade social, percurso que jamais prescinde do



*Letramentos digitais e formação humana: memórias e experiências formativas
na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*

necessário embate. Cada interrupção portava a marca do que Gonçalves Filho (2009) identifica como ferida social, de natureza estritamente política, visto que o educando não receava o instrumento técnico, mas sim o longo período em que o acesso ao código escrito lhe foi vedado.

A atividade com *Google Earth*⁴ e *Google Street View*⁵ foi realizada no segundo semestre de 2022, em turmas que haviam retomado as aulas presenciais após o período de ensino remoto. Essa intervenção integrou um ciclo de quatro encontros consecutivos dedicados à exploração de ferramentas digitais de navegação e leitura espacial. A sensação de deslocamento não se confundia com nostalgia, mas com o que Ribeiro (2017) descreve como reconhecimento de si na ordem social. A imagem digital, nesse sentido, revelava as consequências de um modelo de sociedade que, como observa Fraser (2022), distribui desigualdades com precisão perversa, mantendo certos corpos fora das práticas de leitura que estruturam a vida contemporânea.

A navegação pelo *Google Street View* instaurava forma de atenção que exigia mais que habilidade técnica. Cada movimento do *mouse* demandava escolha, e cada avanço na imagem reconfigurava o que o estudante considerava relevante. O que ocorria ali era formação cognitiva situada, e não execução de comandos. Kenski (2012) mostra que tecnologias alteram regimes de observação, e isso se tornava evidente na seriedade com que cada participante avaliava o que a imagem revelava e o que ela deixava de apresentar.

Explorar cidades distantes pelo *Google Street View* produzia deslumbramento imediato, mas rapidamente abria espaço para uma inquietação mais profunda. A percepção de que qualquer rua, fachada ou trajeto poderia ser observado sem consentimento introduzia conflito que convocava reflexão. A crítica de Fraser (2022) à lógica que transforma tudo em mercadoria se tornava palpável, pois não era apenas o

⁴ Plataforma digital (site e aplicativo) que permite visualizar imagens de satélite, mapas tridimensionais e percursos urbanos por meio de modelagem cartográfica detalhada. Usuários exploram territórios, aproximam regiões e observam paisagens, criando novas formas de compreender espaços geográficos e relações sociais inscritas no território.

⁵ Recurso integrado a plataformas cartográficas digitais (vide *Google Earth*) que oferece visualização panorâmica de ruas e espaços públicos por meio de fotografias sequenciais. Permite percorrer virtualmente trajetos urbanos, observar construções, sinalizações e dinâmicas locais, favorecendo leituras espaciais que articulam memória, deslocamento e reconhecimento territorial.



*Everton Henrique Eleutério Fargoni, Mayna Zacarias & Elana Simone Schiavo
Caramano*

mundo que se expandia diante da tela, mas também a consciência de que a exposição compulsória se naturaliza com facilidade alarmante. O letramento digital decorria dessa experiência, não como navegação, mas como lucidez sobre a forma como a tecnologia simultaneamente amplia possibilidades de comunicação e institui regimes sofisticados de monitoramento informacional.

4. Análise das práticas pedagógicas com computadores na EJA

O processo de apropriação tecnológica na EJA não se faz como adaptação imediata, mas como reorganização paciente de relações que o estudante estabelece consigo e com o mundo. A introdução do computador na sala noturna revelou que a máquina não se apresenta como promessa de facilidade, e sim como campo onde anos de exclusão tornam-se visíveis no modo como cada sujeito se aproxima da escrita. Freire (2005) defende que o inédito viável nasce quando uma possibilidade antes impensável se torna trabalhável no presente, e o teclado, naquele contexto, configurou-se exatamente assim, não como símbolo de modernidade, mas como ferramenta onde o estudante podia retrabalhar sua relação com a palavra por meio do digital.

Kenski (2012) observa que tecnologias introduzem novas formas de atenção, exigindo do sujeito elaboração distinta da que ocorre em suportes tradicionais. Essa exigência tornou-se evidente quando os estudantes exerceram a passagem da lógica do toque no celular para a manipulação do teclado e do mouse no computador.

O movimento não consistia em substituição de dispositivos, mas em aquisição de um repertório cognitivo que alterava a forma como percebiam a escrita. Aquilo que antes era resolvido por áudios enviados pelo celular convertia-se em escrita digitada, permitindo que o estudante reconhecesse a si mesmo como alguém capaz de produzir textos completos, e não somente mensagens fragmentadas.

O primeiro exemplo de prática pedagógica consistiu na elaboração de uma conta de *e-mail* e no envio de mensagens entre colegas. Não se tratava de formar usuários eficientes, mas de instaurar situação em que o estudante precisasse decidir palavras,



*Letramentos digitais e formação humana: memórias e experiências formativas
na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*

revisar enunciados e assumir autoria em espaço antes inacessível. Brandão (2007) afirma que aprender envolve assumir posição na vida social, e esse ato aparecia com nitidez quando cada participante via seu próprio nome registrado em uma caixa de entrada. À medida que os estudantes compreendiam procedimentos mínimos, também reavaliavam o uso cotidiano do celular, integrando a escrita aos modos de comunicação que antes dependiam exclusivamente de áudio.

O segundo exemplo de prática envolveu a navegação guiada no *Google Earth* e no *Google Street View*, proposta que articulava memória, leitura e atenção. O exercício consistia em localizar ruas, escolas antigas, mercados frequentados e espaços de trabalho, observando detalhes que antes passavam sem leitura. Gonçalves Filho (2009) lembra que certos percursos revelam marcas sociais que permanecem ocultas no cotidiano, e essa observação tornava-se evidente na atenção cuidadosa com que cada estudante lia placas, nomes de comércio e trechos que, no passado, eram atravessados sem serem compreendidos. O letramento digital materializava-se nesse encontro entre memória e escrita, sem sentimentalismo, como afirmação de presença em território antes interditado.

No entanto, a apropriação de tecnologias, nesses processos, não deve ser confundida com domínio instrumental. Ela envolve reorganização do pensamento, deslocamento de expectativas e revisão de crenças sobre o que significa saber ler e escrever no século vinte e um. Ribeiro (2017) aponta que a consciência crítica nasce quando o sujeito reconhece seu lugar no mundo e as estruturas que condicionam suas possibilidades.

O estudante da EJA, ao compreender teclas, pastas, caixas de entrada e comandos de navegação, não apenas aprende procedimentos, mas reposiciona-se na vida social, percebendo que práticas digitais podem integrar sua rotina e não permanecer como privilégio distante. Esse reposicionamento não ocorre como conquista imediata, e sim como alteração lenta de percepção, quando o sujeito reconhece que pode nomear arquivos, decidir configurações, redigir textos e administrar seu próprio fluxo informacional sem depender exclusivamente de terceiros.



Everton Henrique Eleutério Fargoni, Mayna Zacarias & Elana Simone Schiavo

Caramano

Em todas essas práticas, a categoria freireana de inédito viável reaparece como fundamento silencioso. Ao reconhecer que a escrita digitada, o envio de e-mails e a exploração de imagens de satélite eram experiências impensáveis para muitos participantes até poucos meses antes, tornou-se claro que o processo educativo não consistia em adestramento tecnológico, mas em constituição de novas possibilidades concretas de participação social.

5. Participação social, leituras de mundo e ampliação das práticas de linguagem

A participação social, quando observada a partir das lentes freireanas, exige que o sujeito seja convocado a interpretar o mundo antes de interpretar o texto que o nomeia. Freire (2005) insiste que nenhuma leitura se sustenta quando descolada do contexto que a produz, e essa perspectiva adquire outra densidade quando transposta para o universo digital da EJA. Os estudantes chegam a esse espaço carregando ausências impostas pelos anos em que o acesso à escrita lhes foi negado, e é nesse encontro com o computador que a leitura de mundo se atualiza. Kleiman (1995) recorda que compreender a escrita envolve reconhecer práticas sociais em que essa escrita circula, e o espaço digital evidencia essa circulação de modo muito mais exigente, obrigando o estudante a negociar sentidos, interpretar enunciados e assumir posicionamento crítico em ambientes que o interpelam continuamente.

O letramento digital, nesse enquadramento, não consiste em adaptação a novas ferramentas, mas na reorganização das formas de pensar que sustentam a presença do sujeito no mundo. Soares (2003) indica que o letramento implica apropriação de usos sociais da escrita, e o digital acrescenta camadas de exigência que obrigam o estudante a transformar seus modos de atenção.

A simples navegação entre abas, pastas e ícones demanda decisões que confrontam padrões consolidados pela educação bancária criticada por Freire, modelo que deposita informações sem diálogo com as experiências reais dos sujeitos. A EJA, quando resiste a esse modelo, precisa reconhecer que o digital exige mediação que



*Letramentos digitais e formação humana: memórias e experiências formativas
na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*

acolha o medo, a curiosidade e a lentidão própria de quem se reaproxima da escrita depois de longos intervalos.

A crítica freireana à educação bancária permanece atual ao se observar que políticas neoliberais adotadas no estado de São Paulo tratam o digital como solução rápida para problemas que são estruturalmente sociais. Geraldi (1991) adverte que práticas de linguagem não se constroem por meio de pacotes instrucionais, mas de relações que atribuem sentido ao ato de escrever e de ler. Na EJA, essa advertência torna-se ainda mais contundente quando a máquina é apresentada sem o devido cuidado, como se bastasse expor o estudante à tela para que a formação ocorra por absorção.

A manipulação do teclado, do *mouse* e da tela não pode ser reduzida a exercício mecânico. Marcuschi (2002) aponta que práticas de linguagem se articulam a modos de atenção que estabelecem nexos entre o que se vê e o que se compreende, e isso se intensifica no digital. O estudante experimenta deslocamentos cognitivos quando percebe que o ponteiro do mouse precisa ser guiado com precisão e que cada tecla aciona função específica. Essas ações instauram forma particular de raciocínio, pois obrigam o sujeito a criar relações entre comando e efeito, leitura e movimento, exigindo que imagine antecipadamente o resultado da ação antes de executá-la. Essa antecipação reestrutura a percepção, transformando o digital em campo de elaboração intelectual.

Nas nossas memórias de intervenção, o conflito e a curiosidade surgiam entrelaçados nos encontros com a tecnologia, pois muitos estudantes jamais haviam acessado computadores com internet estável. Em suas casas, o celular constituía o único recurso, frequentemente limitado pelo teclado virtual que dificultava a escrita contínua e reforçava a dependência de mensagens por áudio.

Monte Mór (2007) observa que práticas de linguagem no século XXI envolvem interpretação ampliada, que inclui a leitura de imagens, vídeos e interfaces. Essa leitura multimodal exige que o sujeito aprenda a decifrar pistas visuais, ordens de informação e escolhas editoriais que estruturam notícias e produções discursivas. A EJA assume, nesse cenário, responsabilidade formativa que ultrapassa o ensino de procedimentos e alcança a constituição de sujeitos capazes de interpretar criticamente fluxos informacionais mediados por algoritmos.



Everton Henrique Eleutério Fargoni, Mayna Zacarias & Elana Simone Schiavo

Caramano

A apropriação do digital também se evidencia em atividades de desenho digital, quando programas simples permitiam ao estudante manipular cores, linhas e formas com o mouse. Essas práticas, aparentemente elementares, instauravam raciocínios que reorganizavam relações entre visão e ação, pois cada escolha de cor exigia interpretação do que se pretendia comunicar.

A compreensão de paletas, espessuras e composições visuais tornava-se exercício de linguagem tão relevante quanto a produção de texto, já que a leitura de mundo também se faz por meio de escolhas estéticas. Freire (2011) lembra que toda expressão humana participa de um processo histórico, e a criação digital revela esse processo quando o estudante projeta, na tela, modos de ver que antes não encontravam espaço escolar.

As práticas com jogos digitais educativos também constituíam resposta para observar transformação cognitiva. Não jogos que simulam competição vazia, mas ambientes desenhados para estimular inferências, decisões e leitura de regras implícitas. Tais atividades exigiam que o estudante mobilizasse atenção contínua, reorganizando expectativas enquanto lia comandos e analisava consequências. Essa forma de leitura, quando observada à luz de Freire (2005), expõe que o aprender não se limita ao acúmulo de dados, mas ao exercício crítico que leva o sujeito a compreender a razão de cada escolha.

As redes sociais, embora amplamente presentes na vida dos estudantes, revelam sua face ambígua. São espaços de sociabilidade e também de manipulação simbólica acelerada. O deslizar dos olhos sobre vídeos, notícias e comentários cria sensação de familiaridade com a leitura, mas essa familiaridade pode encobrir adesão irrefletida a discursos que circulam sem verificação.

Freire (2011) advertiu que a leitura do mundo antecede a palavra, e essa advertência ganha urgência em ambientes digitais onde algoritmos organizam aquilo que se vê. O letramento digital, nesse sentido, solicita vigilância intelectual, para que o estudante não seja reduzido a espectador de fluxos que anestesiam a percepção crítica. A EJA encontra aí sua tarefa mais delicada, pois precisa equilibrar interesse e cautela, ensinando o sujeito a enfrentar o digital com inteligência e não com submissão.



6. Considerações finais

O percurso desenvolvido entre 2018 e 2023 nas três escolas públicas de Educação de Jovens e Adultos examinadas neste estudo evidencia que o letramento digital, quando conduzido por prática pedagógica sistemática, constitui processo histórico de reinserção de sujeitos adultos nas formas contemporâneas de produção escrita. O que esteve em jogo não foi simples introdução de dispositivos eletrônicos no espaço escolar, mas reconstrução concreta da relação entre homens e mulheres trabalhadores e os meios atuais de circulação textual que organizam a vida social.

O instante da aproximação inicial com a interface digital revelou uma dimensão social profunda. O corpo adulto, marcado por extensas jornadas de labuta, situava-se perante o visor com prudência. A suspensão ante as unidades gráficas não indicava precariedade cognitiva, mas sim o resultado acumulado de interrupções na escolarização e da privação histórica de bens simbólicos.

Quando a primeira enunciação grafada manifestava-se na superfície eletrônica, ocorria uma alteração sensível na autocompreensão do sujeito. A escrita nas telas deixava de figurar como território estranho e passava a constituir sua experiência concreta.

Freire (2005) afirma que a leitura da palavra se funda na leitura do mundo. No contexto observado, essa formulação adquiriu materialidade. A criação de contas de correio eletrônico, o envio do primeiro e-mail e a produção de textos em *blog* coletivo configuraram momentos nos quais sujeitos adultos passaram a interpretar sua própria inserção na vida pública. A passagem da comunicação por áudio para a redação digitada indicou reorganização da relação com a linguagem escrita, ampliando a autonomia discursiva.

A leitura coletiva de notícias digitais aprofundou essa perspectiva. Ao examinar manchetes projetadas em sala e discutir escolhas lexicais, os estudantes identificaram como determinadas construções linguísticas orientam interpretações específicas dos acontecimentos. A reescrita das notícias evidenciou que o texto jornalístico constitui



Everton Henrique Eleutério Fargoni, Mayna Zacarias & Elana Simone Schiavo

Caramano

construção situada. Freire (2011) sustenta que a palavra ganha densidade quando o sujeito assume posição diante da realidade que nomeia. Esse movimento tornou-se visível quando os estudantes formularam versões próprias dos fatos debatidos.

As atividades com *Google Earth* e *Google Street View* ampliaram ainda mais o campo de reflexão. Ao localizar bairros, ruas e espaços de trabalho na imagem digital, os estudantes confrontaram memória pessoal e representação visual. A tela não foi recebida como espetáculo distante, mas analisada como forma de narrativa espacial. A visibilidade desigual de regiões urbanas converteu-se em objeto de debate, permitindo compreender que o espaço também é organizado por discursos mediados por tecnologia. O letramento digital incorporou, assim, leitura espacial associada à consciência social.

A organização de arquivos, o preenchimento de formulários eletrônicos e a navegação autônoma por páginas institucionais produziram consequências práticas relevantes. Inscrições em programas públicos, envio de currículos e comunicação com órgãos oficiais passaram a ser realizados com menor dependência de terceiros. Essa mudança resultou de prática pedagógica reiterada e acompanhamento próximo, não de promessa tecnológica abstrata.

No âmbito da Educação de Jovens e Adultos, o processo descrito assume significado histórico particular. A modalidade atende sujeitos cuja trajetória foi marcada por inserção precoce no trabalho e afastamento prolongado da escolarização formal. O letramento digital, articulado à alfabetização e à leitura crítica, amplia possibilidades concretas de participação social. A escola noturna reafirma seu papel ao possibilitar retomada formativa em etapa distinta da vida, mantendo exigência intelectual e rigor pedagógico.

A investigação aponta ainda implicações diretas para a formação docente. A presença do computador em sala exige preparo teórico consistente e planejamento cuidadoso. O professor organiza situações de aprendizagem nas quais experiência acumulada e linguagem digital se encontram. Freire (2005) recorda que ensinar requer rigor metodológico e compromisso ético com os educandos. No contexto observado, esse rigor traduziu-se em mediação contínua, escuta atenta e análise crítica das linguagens em circulação.



*Letramentos digitais e formação humana: memórias e experiências formativas
na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*

Os dados apresentados indicam que o letramento digital, orientado por perspectiva crítica, amplia a capacidade interpretativa e autoral de sujeitos adultos. Ao redigir sua primeira mensagem eletrônica, ao revisar coletivamente um texto ou ao analisar representação digital do próprio bairro, o estudante amplia sua inserção no mundo social mediado por tecnologia. O percurso investigado permanece aberto a novos aprofundamentos, especialmente no que concerne à relação entre desigualdade estrutural, cultura escrita digital e formação docente. A inserção consciente nas linguagens digitais constitui condição cada vez mais relevante para participação social efetiva, exigindo continuidade de investigação no campo da Educação de Jovens e Adultos.

Referências

- BAWDEN, D. Origins and concepts of digital literacy. **Journal of Documentation**, v. 64, n. 2, p. 263–283, 2008.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 49. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- CARNEIRO, S. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CHAUI, M. **Contra a servidão voluntária**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- COPE, B.; KALANTZIS, M. **Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures**. London, Routledge, 2000.
- DIAS DOS SANTOS, S. R. C.; CARMONA, D. A. Alfabetização e letramento digital na EJA estimulação à criticidade para análise do discurso de ódio e fake news. **Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPFIP**, Aquidauana, v. 4, n. 16, p. 1–20, 2024.
- FARGONI, E. H. E.; ZACARIAS, M. Interfaces da Reforma do Estado. Mercantilização da Educação e o “preço do conhecimento”. **Áskesis**, São Carlos, v. 14, n. 1, p. 314–334, jan. jun. 2025.
- FRASER, N. **Capitalismo canibal: como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta, e o que podemos fazer para mudar isso**. São Paulo, Ubu, 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GONÇALVES FILHO, J. M. **Humilhação social, um problema político em psicologia**. São Paulo, Cortez, 2009.



Everton Henrique Eleutério Fargoni, Mayna Zacarias & Elana Simone Schiavo

Caramano

JOAQUIM, B. S.; VÓVIO, C. L.; PESCE, L. Inclusão e letramento digital na EJA uma análise teórica sob a perspectiva decolonial. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 248–268, 2020.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, Papirus, 2012.

KLEIMAN, A. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. Campinas, Mercado de Letras, 1995

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **New Literacies: Everyday Practices and Social Learning**. 3. ed. Maidenhead, Open University Press, 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais, definição e funcionalidade**. São Paulo, Contexto, 2002.

MONTE MÓR, W. Linguagem digital e interpretação, perspectivas epistemológicas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 46, n. 1, p. 31–44, jan. jun. 2007.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala**. São Paulo, Letramento, 2017.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. Campinas, Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, B. de S. **O futuro começa agora, da pandemia à utopia**. São Paulo, Boitempo, 2021.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro, Record, 2002.

SOARES, M. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

SODRÉ, M. **A sociedade incivil, mídia, iliberalismo e finanças**. Petrópolis, Vozes, 2019.

STREET, B. **Letramentos sociais**. Tradução de M. Kleiman. São Paulo, Parábola Editorial, 2014.

Recebido em: 26/11/2025

Aceito em: 26/01/2026

FARGONI, Everton Henrique Eleutério; ZACARIAS, Mayna; CARAMANO, Elana Simone Schiavo. Letramentos digitais e formação humana: memórias e experiências formativas na Educação de Jovens e Adultos (EJA). *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 10, n. 19, Jul. - Dez., 2025, p. 124-145.